

PADRE IBIAPINA E O IMAGINÁRIO POPULAR

CLÁUDIO SOUSA DE CARVALHO
Universidade Federal de Campina Grande

O trabalho que pretendemos apresentar em painel neste XXII Encontro Nacional de Professores de História é parte de um projeto de pesquisa cujo objeto de estudo trata-se do Padre Ibiapina, uma figura marcante do século XIX.

A delimitação do nosso tema consiste em estudar o Nordeste do período que se refere ao corte histórico da vida do Padre Ibiapina (1806-1883) a partir da problemática socioeconômica que envolvia a região. Parte-se do pressuposto de que o referido padre constitui um mito religioso no Nordeste, pelo lugar que ocupa na história recente da região e principalmente pelo seu lugar de destaque no imaginário social.

O Padre Ibiapina destacou-se por um importante trabalho missionário nas províncias do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Ceará e Piauí, englobando dessa maneira um percurso de aproximadamente 7,7% do território nacional.

Foi juiz de Direito e chefe de polícia em Quixeramobim – CE, deputado e advogado. Padre Ibiapina foi ordenado apenas aos 47 anos de idade em 1853. Após sua ordenação foi nomeado Vigário geral e providor do Bispado, professor de Eloquência do Seminário de Olinda, porem conseguiu cedo a dispensa desses cargos realmente distintos e de confiança do chefe eclesiástico afim de viajar, doutrinar, curar, educar e construir para o povo semi-abandonado dos sertões, ministério esse que lhe ocupou os 30 ultimos anos de sua vida. Entre 1875 e 1883, nos seus últimos anos de vida, Padre Ibiapina ficou quase paralisado e teve que permanecer no seu centro de Santa Fé, perto de Arara – PB, 155 km a noroeste de João Pessoa, onde continuou exercendo a direção das casas de caridade por ele fundadas, através de cartas.

Aos olhos da linha progressistas da Igreja, Ibiapina assumiu uma posição adotada pela Igreja Latino-Americana um século depois, sendo considerado então o precursor da opção preferencial pelos pobres. Hoje o clero local mobiliza-se pela sua canonização, cujo processo já lhe conferiu o titulo de “servo de Deus”, o primeiro passo ao seu reconhecimento enquanto Santo pelo Vaticano e conseqüentemente de tornar-se o primeiro Santo brasileiro.

Das fontes bibliográficas que dispomos até o presente momento, destaco como principal as “Crônicas das Casas de Caridade”¹, um documento de época que descreve a vida propriamente missionária de Padre Ibiapina. Eduardo Hoonart, o responsável pela publicação do documento acredita que o mesmo tenha sido escrito a partir das narrativas do beato Aurélio e da beata Vitória,

¹ HOONART, Eduardo “Crônica das Casas de Caridade fundadas pelo Padre Ibiapina” Edições Loyola. São Paulo – SP. 1981

assim eram conhecidos os que com ele conviviam em prol das Casas de Caridade e de outras conquistas.

Em visita a Casa de Caridade de Campina Grande no dia 29 de setembro de 1975 e a irmã Cícera, na época com 82 anos, Hoonart conseguiu fotocopiar um importante arquivo de textos da tradição Ibiapina com “máximas espirituais, instruções e doutrinas, sermões, direções espirituais, confissões e comunhões espirituais, além de representações teatrais. Este arquivo foi publicado posteriormente pelo próprio Hoonart, ao menos uma parte, após as considerações das várias vertentes em seu trabalho “Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres”², em conjunto com Georgete Desrochers que consiste na publicação a partir de um simpósio realizado em comemoração ao centenário de morte de Ibiapina na cidade de Lagoa Seca – PB no ano de 1983.

O primeiro texto deste trabalho é o testemunho de Don José Maria Pires, que apresenta a memória de Ibiapina como “*um grande incentivo para consagrar-se aos empobrecidos de ontem*”³ Já o segundo texto trata-se da tentativa de enquadrar a ação de Ibiapina na história regional do Nordeste a partir da revelação de conexão com outros fatos históricos pelo professor João Alfredo Montenegro.

A terceira conferência diz respeito à relação entre condicionamento econômico e movimentos religiosos pelo professor Francisco José Pinheiro. A quarta é de caráter vocacional e revela o período pré-missionário da vida de Ibiapina e apresenta o significado concreto de sua opção pelo sacerdócio apresentado pelo professor Vinicius Barros.

A quinta conferência é do próprio Hoonart que, sob uma perspectiva social, procura resgatar a terminologia do “desclassificado”, que constituía o ambiente de Ibiapina⁴

Em seguida Hugo Fragozo faz referências às irmãs de caridade ou as “beatas” que apesar de serem tão mal afamadas em alguns ambientes da Igreja, as revaloriza enquanto religiosas autênticas” adaptadas para o ambiente sertanejo⁵.

Na sétima conferência a professora Luitgard de Oliveira Cavalcanti Barros expõe elementos interessantes a partir de uma pesquisa já longa a cerca da segunda metade do século XIX no Nordeste.

Uma das obras mais interessantes sobre o padre Ibiapina é “Padre Ibiapina Peregrino da Caridade”⁶ escrita por Francisco Sadoc de Araújo. Nesta obra Sadoc critica os demais biógrafos e até mesmo as “Crônicas das Casas de Caridade”, utilizando-se de documentos recolhidos em cartórios e em outras fontes que possibilitaram-no uma investigação precisa e coerente. Seu estudo é de extrema importância para nosso trabalho por conter vastíssima bibliografia de apoio nas notas.

² HOONART, Eduardo e DESROCHERS, Georgete. I “Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres.

³ Id. Ibid (7) (pp 13)

⁴ Id Ibid (pp 13 § 4)

⁵ Id Ibid (pp 13 §5)

⁶ ARAÚJO, Francisco Sadoc. “Padre Ibiapina Peregrino da Caridade”. Fortaleza – Gráfica Tributária do Ceará – 1995.

Por fim. Sob uma perspectiva teológica, Jose Comblim faz uma apresentação de Ibiapina especificamente como missionário, segundo a tradição mais genuína do cristianismo.

Sob essa mesma perspectiva Comblim publica uma pequena biografia em série “Os Religiosos” da coleção “Homens e Mulheres do Nordeste”⁷.

Comblim ainda publicou “Instruções espirituais do Padre Ibiapina”⁸ de forma mais específica e completa que a complementa publicado por Hoonart e Desrochers ao fim de sua obra sendo então mais fiel em quantidade mais expressando as escritas do próprio Ibiapina explicitados anteriormente e confiados a Hoonart. Para isso utilizou também como bibliografia “Crônica das Casas de Caridade”, “Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres”, “O Padre Ibiapina um homem que viveu e morreu pelo seu povo”⁹ que não dispomos até então e a obra escrita por Celso Mariz, “Padre Ibiapina. Uma apostolo no Nordeste.”¹⁰ A biografia escrita por Mariz é baseada em Paulino Nogueira, testemunha ocular da gesta ibiapina, e José Paulino Duarte, cujas informações colheu do arquivo da Santa Fé sendo dúvida se sua fonte principal foi o manuscrito de irmão Antonio, que acompanhava Ibiapina. Ao fim da obra, Mariz preocupou-se em publicar algumas cartas expedidas por Ibiapina e que serviram de direção espiritual e administrativa às Casas de Caridade quando o mesmo já se encontrava paraplégico.

O nosso trabalho transita constantemente entre a biografia e o imaginário enquanto forma de ver o mundo. A biografia deve ser investigada como uma resposta às perspectivas trabalhadas pelos autores que tomaremos por pressuposto teórico e que trabalham o imaginário, assim como Mircea Eliade¹¹ que, sob a perspectiva da religião, enfoca o imaginário enquanto forma de ver o mundo tão importante quanto os demais (econômica, política e social).

Outro autor a nortear nossas perspectivas é Raoul Girondet¹². Segundo ele o mito político e as mitologias também instituem a história, e é a partir de então que problematizaremos o mito de “Chefe Salvador” é aquele que está a frente do poder, um herói que capta em torno dele todos os favores da esperança coletiva, que liberta, corta os grilhões, aniquila os monstros, faz recuar as forças más¹³. Na luta de Ibiapina contra a desagregação da vida política observada por Hoonart em suas considerações iniciais às “Crônicas” observamos como a vida das pessoas refletia essa esperança coletiva em torno de nosso protagonista; *“cada pessoa trabalhadora pertencia ao doutor*

⁷ COMBLIM, José. “Padre Ibiapina”. Coleção Homens e Mulheres do Nordeste. Série “Os religiosos”. Edições Paulinas. São Paulo – SP. 1993

⁸ COMBLI, José “Instruções Espirituais do Padre Ibiapina”. Edições Paulinas. São Paulo – SP. 1993

⁹ VILLAR DE CARVALHO, G. O Padre Ibiapina um homem que viveu e morreu pelo seu povo, em REB (Revista Eclesiástica Brasileira), t43, fasc. 169, 1983, pp. 103-133.

¹⁰ MARIZ, Celso. In “Ibiapina. Um apostolo no Nordeste” 2ª edição. Editora Universitária UFPB. João Pessoa – PB. 1980

¹¹ ELIADE, Mircea. “O Sagrado e o Profano”. A Essência das Religiões. Livros do Brasil. Lisboa

¹² GIRARDET, Raoul. In “Mitos e Mitologias Políticas”. Cia. das Letras. São Paulo – SP. 1986.

¹³ GIRARDET, Raoul. In “Mitos e Mitologias Políticas”. Cia. das Letras. São Paulo – SP. 1986.

fulano ou ao doutor sicrano, e não tinha o sentimento de pertencer a uma comunidade humana. O trabalho chamava-se serviço e o mais que se esperava dele era proteção e assistência por parte do ‘doutor’. As relações fundamentais entre as pessoas eram relações de fidelidade e submissão por parte do empregado, proteção e assistência por parte do patrão”¹⁴

Outro aspecto abordado por Girardet diz respeito à “Idade de Ouro” que corresponde às imagens de um monstro que convém redescobrir a felicidade, de uma revolução redentora que permite a humanidade entrar na fase final da sua história e assegurar para sempre seu reino de justiça¹⁵. A partir dessa concepção observamos que o sistema adotado pelas casas de caridade com a finalidade de amparar os retirantes e necessitados elucidam momentos de dificuldade, mas que por sua vez eram amenizados a partir da ação de Ibiapina que assegurou enquanto vivo o seu bom andamento; *“uma doutrina por dia com comida; no sábado sermão de Ibiapina com almoço depois; tirar os bichos dos pés, dar roupa, remédios, rosários e medalhas (Crônicas 163-165).* Sobretudo a radicalidade da lei da caridade: dar água a todos. *“Já tinha sido sensurada a casa quando dava água francamente ao povo, expondo-se a ficar sem ela, como ficou, mas o programa da caridade é morrer com os pobres sequiosos e famintos e não vê-los morrer à sede e à fome: é essa a lei fundamental da caridade” (Crônicas, 163-165)¹⁶*

Tomemos a citação anterior para ilustrar a tipologia dos heróis mencionados por Girardet¹⁷. Como herói legislado, Ibiapina conduziu o povo a uma nova ordem social onde a caridade viria sobrepor o temor de morrer de fome e sede fazendo com que houvesse uma dedicação mútua.

Como herói gravitas, ou seja, aquele que é prudente, o herói da gravidade, o sábio soube administrar de maneira coerente o pouco que a casa possuía no momento crucial da grande seca de 1887 onde flagelados de várias regiões afligidas vinham solicitar socorro em desespero.

Como herói celeritas, aquele que se inscreve no brilho imediato da ação, levando o povo a ação imediata, que tem frieza para resolver os problemas imediatos conduziu milhares de pessoas à construção da história do Nordeste em forma de mutirão, resultando em 22 casas de caridade para abrigar e educar órfãos auxiliando também aos necessitados com alimentos, vestimentas e medicamentos; 19 cemitérios durante as seguidas epidemias de cólera em virtude das secas; 20 Igrejas e capelas, sendo 3 restaurações; 10 açudes, tecnologicamente a maneira mais avançada de combater a seca na época; hospitais, que até então apenas a região litorânea possuía; um canal; uma cacimba, uma estrada.

Como herói profeta, aquele que anuncia os tempos por vir, que lê na história o que os outros ainda não vêem, conduzido por uma espécie de impulso sagrado guia seu povo pelos caminhos do

¹⁴ GIRARDET, Raoul. In “Mitoses e Mitologias Políticas”. Cia. das Letras. São Paulo – SP. 1986.

¹⁵ Id Ibid 16 (pp 11 §1)

¹⁶ Id. Ibid 6 (pp20 §4)

¹⁷ Id. Ibid 16 (pp70 §2)

futuro, sempre acreditou em dias melhores e nas esmolas para o sustento das casas, sobretudo nos tempos de seca.

Outro aspecto importante diz respeito ao tempo¹⁸ que Girardet divide em três e que percorre o curso do “Chefe Salvador”.

O tempo do apelo é configurado como o período em que se forma e se difunde a imagem de um salvador desejado, cristalizando-se em torno dela a expressão coletiva de um conjunto. Já o tempo de poder e glória, como o próprio nome explicita é o período de ascensão, avidez feroz que lança o mito à aventura, a glória, ao poder supremo, ao poder conquistado de domar a multidão; *“Fosse qual fosse a situação, Ibiapina era recebido em toda parte debaixo de festas e flores. Cavaleiros iam busca-lo fora de pastos. Chegara nas cidades ao som de músicas e crepitar foguetes. Em flores, além desse encontro distante, aguardaram-no ao entrar grandíssimo numero de gente a pé, o reverendíssimo vigário, a banda de música e muitos meninas em traje de virgem, com bandeirinhas recitando versos ao apostolo da caridade”*¹⁹

O tempo do martírio é o período que geralmente reflete o fim, a dor, o sofrimento, que termina por sacralizar e reafirmar o mito do imaginário social: *“Agora vai comessar huma vida bem diferente! Vida de martírio e provocações que a providencia lhe marcou para experimenta-lo como último combate de uma vida toda cheia de sacrifício em provas de amor de Deos e do próximo”*²⁰. Devido a um insulto congestivo que abateu Ibiapina ao leito em meio daquela que foi sua última missão em socorro dos necessitados e da Casa de Caridade da Baixa Verde próximo a Cajazeiras – PB. A partir de então, após ter sido carregado nos ombros em uma cama até Santa Fé, o padre Ibiapina conduziria suas casas por cartas e sofreria de paralisia e periódicos ataques durante os últimos anos no lugar que escolhera desde 1873 para seu repouso que se deu entre 1876-83.

O ato interpretativo consolidar-se-á na abordagem das constelações mitológicas, ou seja, do conjunto de construções místicas de um mesmo tema reunido em torno de um núcleo central²¹, e na investigação de Ibiapina enquanto ilustração desse núcleo central.

¹⁸ Id. Ibid 16 (pp66 §2)

¹⁹ Id. Ibid 14 (pp37 §2)

²⁰ Id. Ibid 6 (pp90 §6)

²¹ Id. Ibid 16 (pp19 §1)